

# Anestro pós-parto em Vacas de Corte

LEANDRO SÂMIA<sup>1</sup>, DANIEL AUGUSTO BARRETA<sup>2</sup>, MAURICIO BARRETA<sup>2</sup>

O Brasil se destaca no cenário internacional com o maior rebanho comercial de bovinos do mundo, comum efetivo de mais de 200 milhões de cabeças.

Deste total, mais de 80% dos animais são de corte, o que torna o país o maior exportador de carne bovina do mundo. Entretanto, tal “marca” pode desvirtuar a verdadeira realidade do sistema, já que na maioria das vezes utiliza-se o pasto como única forma de alimento (muitas vezes degradado), sem qualquer tipo de suplementação, de forma extensiva, e em grandes extensões de terra, o que contribui para a obtenção de índices reprodutivos aquém do desejado.

O que se espera de uma matriz de corte? A função de uma vaca de corte é gerar e criar seus bezerros. Espera-se que a matriz produza um bezerro por ano (ou próximo disto). Todavia, esta não é a realidade de grande parte das fazendas nacionais.

O Brasil tem uma taxa média de natalidade de 60%, ou seja, de 100 matrizes, apenas 60 irão parir durante o ano, as outras 40 passarão o ano “vazias”, até a próxima estação de monta, encarecendo o preço final dos bezerros.

Esta baixa fertilidade é fruto de um longo período de anestro pós-parto, onde as vacas entram na estação de monta (duração de 60 a 90 dias) e não apresentam cio, ou o cio é infértil. Desta forma, as matrizes permanecem vazias, e só terão nova oportunidade de emprenhar na próxima estação, o que contribui para aumentar o intervalo de partos e aumentar o custo de produção.

A busca por ovulações férteis precocemente esbarra numa interação entre a

lactação e uma nutrição deficiente. Por tanto, “vencer” estes desafios significa um grande passo em relação à melhoria dos índices reprodutivos.

O simples contato entre a matriz e o bezerro é um fator determinante para a presença do cio. Desta forma a relação matriz/bezerro aumenta a síntese de peptídeos opióides endógenos (POE), que atuam no eixo hipotalâmico-hipofisário e diminuem a síntese de GnRH (hormônio liberador de gonadotrofinas) e LH (hormônio luteinizante) que estão intimamente ligados a reprodução, o que dificulta a manifestação do cio. Vale ressaltar que ao selecionar vacas com melhor habilidade materna, há uma seleção indireta para vacas que produzem maior quantidade de POE.

Vacas em balanço energético negativo (BEN) no pós-parto também apresentam maior dificuldades de retornar a atividade reprodutiva, pois devido a alta exigência de energia durante a lactação, o animal começa a realizar a lipólise ou seja, a geração de energia a partir da gordura, porém tal rota metabólica além de produzir energia, gera ácidos graxos livres que pioram a qualidade dos ovócitos, diminuindo os índices de fertilização.

Outro fator, e talvez o mais relevante neste aspecto, é o escore de condição corporal (ECC) das fêmeas, já que a carência energética afeta a produção/liberação dos hormônios GnRH, LH e FSH (hormônio foliculoestimulante). O ECC está ligada com os outros dois fatores mencionados acima, já que o ECC demonstra a quantidade de energia depositada no corpo do animal.

As vacas com cria ao pé tem maior síntese de peptídeos opióides, o que diminui a produção de hormônios



reprodutivos, entretanto, em vacas com condição corporal entre 5 e 7 (escala de 1 a 9) a síntese de LH é menos reprimida. Por outro lado, vacas magras também tem dificuldade de emprenhar (ECC abaixo de 5), pois a reprodução pode ser tratada com “luxo”, não sendo uma necessidade do animal. As prioridades para o uso da energia são o metabolismo basal, atividades de locomoção, lactação, reservas corporais, e só após atendidos os critérios anteriores é destinada energia para o ciclo estral.

Outro problema, mas bem menos recorrente na bovinocultura de corte é as vacas estarem muito gordas no momento do parto. Isto não é desejável pois uma matriz gorda produz grande quantidade do hormônio leptina, que diminui a ingestão de matéria seca, e consequentemente a produção do GnRH, além disso, é mais propensa a problemas de partos distócicos e tem alto gasto de energia para manutenção corporal.

**Com intuito de diminuir o intervalo entre partos (IEP), é possível afirmar que o caminho para atingir este objetivo passa por:**

- 1) Acompanhar o ECC dos animais regularmente, fazendo com que as vacas venham a partir com escores entre 5 e 7 (escala de 1 - 9);
- 2) Oferecer suplementação as matrizes no pós parto, a fim de melhorar o ECC ou mantê-lo em condições satisfatórias;
- 3) Restringir a alimentação dos bezerros para 1X ao dia, ante o manejo comum de amamentação a vontade, pois isso pode diminuir o tempo para a primeira ovulação pós-parto.
- 4) Uso de protocolos hormonais a partir dos 60 dias pós-parto, (geralmente com progesterona e estradiol), com intuito de inseminar o número máximo de vacas, e diminuir o “serviço” do touro, aumentando a quantidade de bezerros filhos de pais provados geneticamente.
- 5) Uso do desmame interrompido (tabuleta ou separação) após 40-60 dias pós-parto, durante 2 ou 4 dias, pode aumentar a incidência de cio fértil.
- 6) Utilizar um desmame precoce, por volta dos 90 dias, para que as vacas tenham menor desgaste energia, e possam recuperar as condições corporais e reprodutivas mais cedo.

É visível a importância que o anestro pós-parto tem para a determinação dos índices reprodutivos de um rebanho, contudo, é coerente afirmar também que não existe uma

“solução mágica” para resolver este entrave, mas sim, um conjunto de alternativas que combinadas podem resultar em uma melhor fertilidade de vacas de corte com cria ao pé.

1- Professor do curso de Zootecnia- UDESC/CEO - Chapecó;  
2- Acadêmicos do curso de Zootecnia- UDESC/CEO - Chapecó;



## CRÉDITO RURAL SICOOB

A força que você precisa para vencer os desafios.

  
**SICOOB**  
Maxicrédito

Ouvidoria - 0800 646 4001 | (49) 3361-7000